

**PRÁTICAS DE DIÁLOGO E ESCUTA PARA CRIAR-
ENSINAR-APRENDER DANÇA EM COLETIVO**

Bruna Ramos Tomaz¹
Fernanda Goya Setubal²
Nara Corrêa Vargas³
Renata Santos Roel⁴

Resumo: Neste artigo relatamos as experiências vividas no Estágio Supervisionado em Dança II do curso de Bacharelado e Licenciatura em Dança da UNESPAR - Campus CURITIBA II durante o primeiro semestre do ano de 2021. Adentrar os encontros do grupo Nós de Dança do município de Sobral - CE ampliou a percepção e trouxe pistas para discutir práticas artístico-educacionais em dança que exercitam tentativas de relações horizontais e democráticas. No decorrer do processo, foi urgente reinventar as práticas pedagógicas devido à pandemia da Covid-19, e neste percurso constatou-se a urgência da escuta e do diálogo nos encontros e a afirmação de criar-ensinar-aprender dança a partir dos tensionamentos e construção de vínculos. As articulações conceituais aqui expostas se tecem da composição e fricção com as vozes de artistas e pesquisadores do campo da dança, educação e psicanálise, des integrantes do grupo Nós junto das anotações sensíveis do campo de estágio.

Palavras-chave: dança; criar-ensinar-aprender; escuta; diálogo.

**PRÁCTICAS DE DIÁLOGO Y ESCUCHA PARA CREAR-
ENSEÑAR-APRENDER DANZA EN COLECTIVO**

Resumen: En este artículo relatamos las experiencias vividas en la Pasantía Visionada en Danza II del grado de bachillerado y licenciatura en Danza de la UNESPAR - Campus CURITIBA II durante el primer semestre del año 2021. Adentrarse a los encuentros del Grupo Nós de Dança del municipio de Sobral - CE amplió la percepción y trajo pistas para discutir prácticas artístico-educacionales en danza que ejerciten tentativas de relaciones horizontales y democráticas. En el decorrer del proceso, fue urgente recrear las prácticas pedagógicas en virtud de la pandemia de Covid-19, y, en ese percurso, se constató la urgencia de la escucha y del diálogo en los encuentros y la afirmación de crear-enseñar-aprender danza a partir de las tensiones y construcciones de vínculos. Las articulaciones conceptuales aquí expuestas se tejen de la composición y fricción con las voces de artistas y pesquisadores del campo de la Danza, educación y psicoanálisis, de integrantes del Grupo Nós de Dança junto de las anotaciones sensibles del campo de pasantía.

Palabras clave: danza; crear-enseñar-aprender; escucha; diálogo.

1 Graduanda no Curso de Bacharelado e Licenciatura em Dança da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) – campus de Curitiba II/Faculdade de Artes do Paraná (FAP) e atualmente bolsista pela Fundação Araucária do Programa de Iniciação Científica/Unespar. E-mail: tomazbruna28@gmail.com

2 Licenciada em Letras Espanhol pela Universidade Federal de Santa Catarina (2014-2018) e graduanda no Curso de Bacharelado e Licenciatura em Dança da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) – campus de Curitiba II/Faculdade de Artes do Paraná (FAP). E-mail: goya.fernanda.s@gmail.com

3 Graduanda no Curso de Bacharelado e Licenciatura em Dança da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) – campus de Curitiba II/Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Participa do Programa de Iniciação Científica sendo bolsista pela Fundação Araucária. Email: naracorreavargas@gmail.com

4 Docente colaboradora do curso de Bacharelado e Licenciatura em Dança da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) – campus de Curitiba II/Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Doutora em Teatro pelo Programa de Pós-graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: renataroel@gmail.com

O presente artigo visa construir conexões entre referenciais bibliográficos que discutem tentativas de relações horizontais e democráticas⁵ nos modos de criar-ensinar-aprender dança e as vivências obtidas no Estágio Supervisionado II no curso de Bacharelado e Licenciatura em Dança (UNESPAR/FAP). Para isso faz-se um breve relato da experiência deste estágio, cujo foco recai sobre as práticas artísticas em Dança e reflete-se criticamente sobre as urgências e inquietações emergentes do ato de criar-ensinar-aprender dança no contexto da pandemia mundial da Covid-19⁶.

Como base para criar essas conexões utiliza-se os referenciais bibliográficos estudados na disciplina do Estágio Supervisionado II e as percepções de cada uma das estagiárias, bem como, da orientadora do campo da Instituição de Ensino Superior (IES). Além disso, serão utilizados trechos das entrevistas realizadas pelas estagiárias como atividade para cumprir as horas de assistência do estágio, assim como as práticas, diálogos e relatos des⁷ integrantes do *Grupo Nós de Dança*.

Contextualiza-se que o Estágio Supervisionado Obrigatório é parte integrante do processo de ensino e aprendizagem do percurso acadêmico no curso de Bacharelado e Licenciatura em Dança da UNESPAR - Curitiba II e envolve atividades artístico-pedagógicas que investem no intercruzamento entre teoria e prática. Com ênfase nas práticas investigativas em arte-docência, a experiência do estágio propicia reflexões e práticas significativas sobre processos de ensinar-aprender dança e a direta relação com a realidade social, política e cultural.

5 Os termos “horizontal” e “democrático” são utilizados pelo Grupo Nós de Dança para caracterizar seus fazeres artísticos e pedagógicos, por este motivo opta-se por cunhá-los no presente artigo, reconhecendo este como um espaço de registro dos fazeres do Grupo e, também, de elaboração e tensionamento daquilo que foi aprendido e vivenciado em campo. Salienta-se, desta maneira, que as escritoras do presente artigo reconhecem as problemáticas ao redor do termo “democracia”, mas opta-se por não adentrar nessas questões e mantê-lo, aqui, em detrimento do campo de estágio.

6 O vírus Sars-Cov-2 começou a se espalhar significativamente no final do ano de 2019. No começo de 2020 “a OMS declarou que o surto do novo coronavírus constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional” e no dia “[...] 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia” (OPAS, [202-], não p.). No dia 17 de Março de 2020 a Universidade Estadual do Paraná declarou que suas atividades presenciais seriam suspensas por tempo indeterminado. Desde então, docentes, discentes e servidores vêm trabalhando de maneira remota e integrando esforços para o seguimento das atividades de ensino-aprendizagem e apoio a comunidade interna e externa.

7 Neste artigo, com a intenção de alinhar a escrita às questões políticas que perpassaram o estágio e de exercitar um uso democrático da língua, optamos por utilizar o pronome não-binário quando nos referimos às pessoas do Grupos Nós de Dança, visto que o grupo é composto por pessoas de gêneros heterogêneos, e, com relação às autoras do artigo, utilizamos os pronomes no feminino por ser um grupo composto exclusivamente por mulheres.

Especificamente no que diz respeito ao Estágio Supervisionado II - Educação Não Formal, composto por 134h divididas em duas experiências: Processos e Configurações Artísticas e Atuação Comunitária, conforme regulamento do estágio do curso:

A primeira voltada ao acompanhamento de processos artísticos desenvolvidos em ambientes não formais e/ou artistas independentes com Registro Profissional - DRT com base na Lei 6533/78, Graduação e/ou Pós Graduação em Dança e áreas afins, e a segunda relativa ao exercício da docência fundamentada no intercâmbio artístico-educacional em diferentes segmentos comunitários (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ, 2013).

Neste artigo, focaliza-se a etapa de acompanhamento de processos e configurações artísticas, contudo, considera-se importante ressaltar que a experiência do estágio no âmbito da comunidade⁸, por ser realizada concomitantemente nesta etapa do curso e por esse mesmo grupo, possibilitou ampliar a percepção e nutrir as reflexões que aqui serão apresentadas sobre criar-ensinar-aprender dança. Tais reflexões foram atravessadas de modo não-linear pelo contexto sócio político e cultural, o qual convocou corpos de artistas-docentes-discentes da área da dança a um processo contínuo de reinvenção das lógicas pedagógicas, além de atualizar os modos de se vincular às salas de aula e criar corpo para se relacionar com as plataformas on-line de comunicação.

Esta atualização dos modos e lógicas de ensino-aprendizagem da dança, no ambiente virtual e em contexto pandêmico, provocaram reflexões que reverberaram tanto no contexto do estágio artístico com o Grupo Nós de Dança, quanto no estágio comunidade. Em ambas as experiências foi necessário afinar e dialogar sobre os propósitos e objetivos de nossas presenças dentro de cada espaço, dado que o tempo de convivência ocorria de maneira diferente no ambiente virtual. Também foi preciso discutir as urgências e perceber as necessidades de cada circunstância para pensar em como encurtar as distâncias entre aquilo que se via na tela e o que era vivido no corpo. Tais situações instigaram as reflexões escritas de maneira coletiva e possibilitaram a construção de relações sinceras, possíveis e dialógicas.

⁸ A experiência no âmbito da comunidade teve como campo de estágio o Distrito LEO LD-5, organização sem fins lucrativos que visa dar voz e experiência para jovens líderes de diversos municípios do estado de Santa Catarina através do serviço voluntário para com suas comunidades. Entendendo o corpo e os afetos vivenciados como ponto de partida para a construção de sujeitos socialmente engajados, as estagiárias propuseram “Práticas para Energizar o Corpo”, que consistiam em curtos momentos com exercícios de movimentação para ativar, presentificar e mobilizar o corpo para a ação.

Ao se debruçar para escrever coletivamente, não apenas sobre, mas também a partir dessa experiência de estágio, afirma-se de partida a impossibilidade de criar-ensinar-aprender dança sem tensionamentos e sem vínculos. Seja do corpo com o chão, com o compromisso acadêmico e os sonhos de coletivos e artistas independentes. O vínculo do corpo com as ações que, aqui, atravessaram cidades-distâncias, tensionaram, criando atmosferas variadas, interrompendo um dado fluxo.

A troca entre campo de atuação, estagiárias e orientadora deixou as/os agentes do processo profundamente engajadas na experiência que se construiu ao longo dos meses de estágio, possibilitando que a produção de conhecimento habitasse e ultrapassasse o tempo de um semestre. As reverberações seguem acontecendo e possibilitam uma troca intensa de saberes, incertezas e desejos que aparecem na feitura a oito mãos, e muitos movimentos, do presente artigo.

Num momento de crise no sistema educacional, dúvidas, medos e a mudança subjetiva e concreta dos espaços físicos para as plataformas on-line, os corpos das que aqui escrevem esse artigo vivenciaram estados variados de avançar, recuar e ousar, lidando com o não-saber na carne, construindo vínculos e tensionando as distâncias, criamos tons coletivamente para abertura de novas portas e janelas para adentrar o campo de estágio.

ADENTRANDO O NÓS: CRIAR-ENSINAR-APRENDER DANÇA COLETIVAMENTE

Este estágio teve como campo de atuação o *Grupo Nós de Dança* (Sobral - CE) e ocorreu no primeiro semestre do ano de 2021. As estagiárias tiveram como supervisor do campo o professor-bailarino-pesquisador Souza Frota⁹, sendo este responsável pelo acompanhamento e avaliação das mesmas frente ao campo e colaborando com ideias e questionamentos acerca dos modos de criar-ensinar-aprender dança em um coletivo.

O *Grupo Nós de Dança* é um coletivo da cidade de Sobral (CE) que se organiza de maneira a horizontalizar as relações, dividir as demandas e democratizar a realização das atividades. O coletivo, que não possuía lugar próprio antes da pandemia da Covid-19,

9 Francisco Sebastião Frota da Costa, conhecido e chamado por Souza Frota, é um artista-docente do interior do Ceará, onde faz parte do Grupo Nós de Dança desde 2017. É graduado em Educação Física Licenciatura e atua na área como professor da rede pública no município de Sobral. Também é graduando em no curso de Licenciatura em Dança na Universidade Federal do Ceará (UFC), onde busca relacionar suas vivências do coletivo com as da graduação em dança. Para mais informações segue a página do Instagram do Grupo Nós de Dança: <https://www.instagram.com/nosdedanca/>

utilizava o espaço público do município, a ECOA - Escola de Cultura, Comunicação, Ofícios e Artes e, devido a pandemia, mudaram seus encontros para o formato remoto. Assim, desde o começo da pandemia da Covid-19, no início de 2020, o grupo passou a atuar de forma on-line e, ao longo do período de estágio, relataram que os trabalhos foram intensos e que o cansaço das telas também foi grande, por isso, desde o final de 2020 até todos integrantes estarem vacinados e poderem voltar aos encontros presenciais o grupo tomou a decisão de trabalhar com leveza, respeitando os tempos singulares e tornando as necessidades de cada um aliadas dos processos de criação.

A busca por um ambiente democrático de ensino-criação em dança, o respeito aos tempos singulares e o exercício da partilha coletiva, já era uma característica do Nós de Dança no trabalho presencial. Na passagem das atividades para o ambiente on-line, o grupo sentiu-se pressionado para continuar a produzir e se encontrar na mesma intensidade de antes, o que afetou profundamente a relação dos integrantes com seus corpos e com a dança. No entanto, após um intenso fluxo de trabalho, o coletivo entendeu que sua sobrevivência dependia de retomar o que já faziam antes: olhar para aquele ambiente como um espaço de partilha sincera, parceria e cuidado de si, onde os corpos estivessem seguros para colocar suas ideias e emoções e criar dança a partir daquilo que aparecia como desejo comum.

Tornou-se evidente, para nós estagiárias, ao observar o Nós de Dança, suas trocas e encontros, algo que já aparecia como desejo comum desde o começo do estágio: tornar este processo leve e dinâmico, sem perder o rigor e o compromisso com a experiência. Passado um ano de trabalhos, atividades e encontros on-line, na época do início do estágio, nossos corpos sentiam o peso da falta da presença física, do toque, da imagem que não vinha da tela e das vozes que não saiam de alto-falantes ou fones de ouvidos.

Objetivamos, como trio, fazer do estágio um lugar de encontro e de aprendizados, onde pudéssemos criar redes profissionais que contribuíssem para nossa formação como artistas-docentes e pesquisadoras. Além disso, o esgotamento indicava que aquele espaço também precisava ser fluído, compreensivo e aberto para os afetos que os corpos traziam consigo. Estar com o *Nós de Dança* ajudou a colocar em prática todos estes desejos

e objetivos e formar uma rede de apoio que possibilitou que as experiências, práticas, saberes e sabores vividos e aprendidos no processo do estágio avançassem para além de um semestre.

Neste sentido, a organização do trio para os momentos de observação com/do *Grupo Nós de Dança* também se encaminhou de modo a respeitar aquele espaço e agir de maneira atenta, mas procurando dar tempo para que nossas presenças fossem se integrando com o Nós aos poucos. O grupo, que já tinha uma familiaridade e intimidade construída, também precisava nos conhecer e nos perceber. Foi com o desejo de encontrar o *Nós de Dança* de maneira leve, mas comprometida com a observação e a escuta ativa, que se construiu um ambiente de partilha e aprendizado, em busca por um ambiente democrático.

A construção deste ambiente democrático em dança perpassa pela escuta atenta do corpo e de suas diferentes demandas. O *Nós de Dança* vê na democracia um modo de organizar-se que possibilita a escuta atenta do corpo em suas diferentes demandas, evitando as sobrecargas criativas e burocráticas que se fazem presentes para que um coletivo de dança siga atuante. Neste contexto, percebe-se que a ausência de uma pessoa que centraliza o poder de decisão das próximas ações do coletivo e seus temas de interesse, viabiliza um espaço de aprendizado no e pelo corpo, uma vez que as diferentes demandas são compreendidas com igual relevância e como potência para os processos pedagógicos e criativos em dança.

O modo de trabalho do grupo *Nós de Dança* não apenas possibilita esta escuta, como também cria um espaço que viabiliza este aprendizado, uma vez que esta escuta se dá, primeiro, no nível individual e só depois se estende para o grupo, onde ocorrem os combinados e reconhecimento dos limites de cada pessoa que compõe aquele coletivo, trabalhando também o rigor e o compromisso com o encontro e com a relação coletiva que, muitas vezes, escapam dos combinados.

Na entrevista elaborada para as horas de assistência do estágio, momento em que não só observamos o grupo, mas que também criamos interferências para participar ativamente das práticas, todes integrantes tiveram a oportunidade de contar um pouco mais

sobre como veem o grupo (estas percepções, bem como imagens e links, foram publicadas neste artigo com a autorização do coletivo). A integrante Maria Alice, neste contexto, comentou:

Eu acho que essa coisa de distribuir as atividades né, as demandas, tem sido muito importante pra gente conseguir dar conta das coisas. Porque a gente anda tão sobrecarregado de tantas coisas, de tantos outros compromissos, que chega uma hora que é preciso realmente dividir as atividades. E aí o coletivo é sobre isso né, sobre um ajudar o outro, sobre um estar junto ali com o outro e sobre a divisão das demandas também dentro do grupo, [...], para que a gente consiga levar o que a gente está pensando em fazer, o que a gente está desejando fazer de uma forma massa mesmo né. (*informação verbal*, 2021)¹⁰

Ao integrar a escuta dos desejos e singularidades de cada corpo presente neste ambiente de encontro, administrar demandas, tomar decisões e assumir responsabilidades de maneira comunitária, o Nós de Dança compreende o coletivo como um espaço diverso de criação, em que o diálogo na construção coletiva das ideias faz com que cada integrante seja atravessado pelos modos de fazer e pensar que vem desta troca. Neste modo de articulação, abre espaço também para que as singularidades sejam colocadas no múltiplo do grupo, sem que haja um apagamento destas. Assim, cada integrante colabora com o coletivo e ao mesmo tempo é impactado pela multiplicidade do grupo, onde as diferenças são valorizadas e fazem parte da construção do todo.

O que aparece como comum é fruto da criação de um espaço democrático onde os corpos e suas questões sejam bem vindas e possam se relacionar de maneira íntima e respeitosa, pois, como relatou Hilana Ferreira, integrante do grupo, “para além de dançar a dança com o corpo, a gente também dança a dança das palavras, das risadas, dos afetos” (*informação verbal*, 2021).¹¹

Esta dança dos afetos abre um caminho para momentos em que pensamentos e situações particulares e individuais alimentam discussões e ideias que se interligam quando presentes no encontro e na partilha coletiva. Para o grupo, a criação artística mostra-se intimamente ligada com as situações cotidianas e com a história de cada corpo, neste sentido

10 Fala de Maria Alice durante entrevista em maio de 2021.

11 Fala de Hilana Ferreira durante entrevista em maio de 2021.

Várias questões que a gente traz quando a gente sai para conversar, são questões que a gente traz para a cena também. (...) A gente sempre acha que é uma questão muito individual nossa, mas quando a gente joga na roda, a gente vê que tá todo mundo desse jeito também, ou pelo menos as pessoas entendem, entendem o que é estar nesse lugar de alguma forma. E é isso, são nossas questões individuais que a gente leva para o grupo.” (*informação verbal*, 2021)¹²

Nós, enquanto trio, fomos profundamente afetadas por este modo de trabalho do Grupo e seus integrantes, que, ao encarar o encontro compreendendo-o como um momento de troca e fortalecimento dos relacionamentos e potencialidades, nos fez querer estar ainda mais presentes nesse momento de aprendizagem que além de nos ensinar muito sobre democracia e outros modos organizativos para a criação e ensino em dança, também nos serviu de amostra de como funciona, na prática e em contexto não escolar, uma pedagogia da autonomia (FREIRE, 2011).

Aproximamos, portanto, as noções presentes no grupo com aquilo que o autor Paulo Freire elabora sobre o conceito de autonomia, em que esta “[...] vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões que vão sendo tomadas” (FREIRE, 2011, p.72). O processo da constituição da autonomia é um processo que se dá no tempo e que, segundo o autor, é um processo de devir. Assim, uma “pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras de decisão e de responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas de liberdade.” (*ibidem*)

Ao observar o grupo, percebemos que o desenvolvimento da autonomia se dava através do entendimento de que cada integrante tem de se responsabilizar pelas funções que assume naquele contexto, realizar as atividades a sua maneira e reconhecer que cumprir ou não uma tarefa implica em algum efeito no grupo. Estes aspectos podem ser percebidos na fala de Souza Frota que, ao discorrer sobre o que ele chama de “operacionalização da democracia”, nos explica, também, sobre a importância do erro no desenvolvimento do que, aqui e no grupo, se compreende como autonomia.

Como operacionalizar a democracia? E uma das coisas que eu pensei nesse sentido, com o coletivo, é o que que cada um faz no coletivo? Por que não fez? E como é que a gente pode fazer aquilo que não foi feito sem uma pessoa só se responsabilizar por fazer? E aí desde o ano passado para cá que as coisas vêm se reorganizando nesse sentido né. E aí também não quero ser ingênuo de dizer

12 Fala de Giovana Oliveira durante entrevista em maio de 2021.

que não é necessário alguém que fique puxando, dando toque [...], e aí tem a ver também com a sua gentileza, com a sua escuta, com a sua comunicação tentando ser o mínimo violento possível [...]. (*informação verbal*, 2021)¹³

Souza destaca que as dificuldades e o cansaço também aparecem no trabalho dentro de um ambiente democrático. Sua fala ressalta que é preciso delegar funções para que o processo de distribuição das responsabilidades aconteça, e, ainda assim, entender que falhas e situações difíceis ocorrem e é preciso colocar-se à disposição enquanto coletivo para resolvê-las de maneira saudável. Por estas vias nota-se que “participação, tomada de decisão, construção da vida social e política são ideias encadeadas ao conceito de democracia. E o que isso tem a ver com uma aula de dança? (ROEL, 2020, p. 139).”

Longe de tentar criar definições sobre fórmulas de um ambiente democrático nas práticas educacionais em dança, aqui lançamos reflexões críticas do que pode ampliar nossas presenças como artistas-docentes para vivenciar práticas de criar-ensinar-aprender atenta às vozes, gestos e histórias de quem partilha o mesmo espaço. O interesse está em considerar fazeres artísticos-pedagógicos que se engajam no desafio ético de rastrear de onde vêm determinadas linguagens artísticas e saberes, que marcas de silenciamento e obediência um gesto-palavra pode seguir propagando. Experimentar espaços de criação e aprendizagem com esse teor demanda tónus, engajamento e abertura dos corpos para adentrar problemas mais que soluções.

O corpo implicado no fazer artístico, na criação em dança, evoca tomadas de decisão para o aqui e agora. Enquanto dança, coloca em jogo aquilo que sabe e o que não tem certeza. Assumindo suas demandas dentro de um espaço que permite sua tomada de decisão, o corpo chama para si a responsabilidade de contribuir com seus movimentos para e com aquilo e aqueles com quem se relaciona. O fazer democrático no ensinar-criar-aprender dança coloca singularidades, diferenças, dúvidas e percepções em relação e provoca à administração daquilo que aparece como desejo singular, frente ao que se partilha como vontade coletiva.

13 Fala de Souza Frota durante entrevista em maio de 2021.

Deste modo, nota-se na relação coletiva do grupo Nós de Dança, que o processo de criação artística feito de maneira partilhada e colaborativa, integra o entendimento das diferentes temporalidades e singularidades que compõem o grupo, no entanto, necessita da organização e do compromisso de todos para que as demandas e objetivos sejam alcançados de maneira salutar e prazerosa. Os combinados e a distribuição das responsabilidades é também uma forma de tornar estas danças geradas a partir destes encontros, danças dos afetos.

O desejo de estar junto, mover o corpo na e com a presença de outros corpos não é saturado quando há engajamento e autonomia entre aqueles que compartilham deste espaço e processo de criação. Deste modo, é possível estender a energia gerada entre este coletivo para outros espaços e locais, e assim, abrir convites para que outros corpos participem do processo de criação e alimentem com seus movimentos e ideias aquilo que já se reconhece como coletivo e compartilhado.

Pensando em ações que se estendam para além do que acontece internamente, o Grupo Nós de Dança abre suas portas para a presença de corpos da comunidade. O coletivo tem uma atuação bastante significativa dentro da cidade de Sobral e promove aulas abertas para os sobralenses que têm curiosidade e desejo de compartilhar e movimentar o corpo. Usando de um local público para suas atividades, o grupo faz com que estes encontros sejam, de fato, um espaço de resistência para a dança dentro do município.

Uma das primeiras formas pensadas pelo Grupo Nós de Dança para apresentar algum retorno à comunidade sobralense e, com ela, estabelecer vínculos em dança foram os chamados **Encontros com Dança**. Estes Encontros consistiam em aulas de dança contemporânea ministradas pelos integrantes do Grupo no espaço da ECOA, qualquer pessoa da comunidade poderia chegar e participar do encontro, sem a necessidade de inscrição prévia ou pagamento. Estas aulas eram pensadas como um espaço onde o Grupo apresentava seus fazeres e expandia suas potências. Em entrevista, Romário, integrante do grupo, nos conta:

Comecei a fazer cursos, comecei no ECOA, foi quando deu certo em 2016 se não me engano 2017, que eu fiz o curso com o Souza de contemporâneo, foi quase um ano de curso ou um ano e meio, não sei muito bem. Foi daí que eu comecei a conhecer o contemporâneo né. (*informação verbal, 2021*)¹⁴

Com a prática da dança contemporânea, o grupo trabalhava a abertura de possibilidades, sem uma forma específica a se alcançar. Por meio dos movimentos, as pessoas ali presentes tinham a possibilidade de investigar seus corpos de maneira criativa e, por meio disso, criar novos vínculos com a dança, as pessoas e com a cidade. Os processos criativos do *Nós de Dança* refletem e misturam-se nas ações didáticas pensadas para os encontros, sendo assim estas aulas tornam-se verdadeiros exercícios de ensino-aprendizagem-criação colaborativos e performativos e, talvez, ao

(...) proporcionar um ambiente cooperativo capaz de instaurar estruturas participativas – se instigue a prática contínua de tomadas de decisão vividas no confronto do corpo-a-corpo, tanto no discente quanto no docente. Tornar-se presente com e praticar pensamentos e planejamentos tecidos de modo coletivo, talvez possa ressoar para além das paredes da sala de aula e assim provocar reinvenções nas estruturas intersociais. (ROEL, 2020, p.124)

Sendo este um campo fértil de criação e contaminação para os corpos que aceitam os convites, os **Encontros com Dança** promovem uma experiência estética que atravessa o seu local e tempo de acontecimento. Pensamos que, em experiências estéticas como estas propostas pelo Grupo Nós de Dança, acontece a formação do que o autor André Lepecki chama de “sujeito político pleno”, pois este “emerge entre as rachaduras do urbano, movendo-se para além e aquém dos passos que lhe teriam sido pré-atribuídos, [...]”. Para esse sujeito, a questão fundamental é recapturar uma nova ideia, uma nova imagem e uma nova noção coreográfica de movimento” (LEPECKI, 2010, p.57).

Os espaços e experiências que se dispõe a pensar a arte além da produção e criatividade, mudam o caráter cronológico da temporalidade de perceber a si mesmo e perceber ao ambiente, ao passo que toma parte e vive a ação em si, pois “quem ocupa o tempo marca, determina e orienta o ritmo de cada espaço. Ou seja, faz coreopolítica. [...] É porque o chão, mesmo estando aí, nunca nos é dado - ele tem que ser ocupado mesmo. Há que pensar essa ação de ocupação, de ação no chão, e depois ter a coragem de agir” (LEPECKI, 2010,).

14 Fala de Romário Sousa durante entrevista em maio de 2021.

O Grupo Nós de Dança propõe-se a ocupar e conquistar os espaços da cidade e estende essa possibilidade para os cidadãos sobralenses. Faz da dança um movimento de criação de novas necessidades e demandas, e acaba por fortalecer o vínculo entre dança, política, educação e afeto. Poder partilhar destes modos de criação dentro de um ambiente democrático fez do Estágio Supervisionado um momento de intenso aprendizado, inspirando afetos nas relações internas do grupo de estagiárias que se expandiram, também, para a nossa orientadora.

As apreensões corporificadas na experiência de adentrar este campo de estágio nos possibilitou o exercício da escuta e do acolhimento para as nossas demandas pessoais e coletivas. Esse primeiro semestre de 2021 abarcou sensações diversas de tensões, instabilidade, medos e também de prazer de lembrar dos nossos sonhos e vontades em relação ao ato de ensinar-aprender dança. Foram muitos os atravessamentos das forças do mundo, do contexto político no Brasil e das mortes causadas pela pandemia e, a decisão de seguir com o que nos conectava como plano comum de desejo e força vital, demandou abrir o corpo para uma escuta sensível que considera o corpo e o que dele ressoa.

ESCUTAR O CORPO E SUAS RESSONÂNCIAS NA PRÁTICA DA ARTISTA-DOCENTE DA DANÇA

Escutar é uma alegria, é se deixar afetar pelos ruídos e barulhos do mundo, pelo estalar dos dedos em noite fria ao redor da fogueira e pelos sentidos que se aguçam à proximidade dos corpos com suas cores, cheiros, texturas, rugosidades e asperezas, adivinhando, no avermelhado da cor, no zumbido das abelhas e no perfume que exala a madurez da fruta, ainda no pé. Escutar é tudo isto, mas pode ser também outras imagens, outras letras, outras línguas, outros acordes, outros batiques e transes, outros colares e penas. As combinações parecem infinitas. E se não forem, se o caminho parecer árduo, pode-se pedir aos Deuses Guaranis que nos enviem belas e sábias palavras, almaspalavras derramadas como chuva, despertando as sementes e fertilizando a terra. (ARANTES, p.91, 2012)

Vivenciar processos de criar-ensinar-aprender dança implicados na investigação de práticas horizontais e democráticas, como os praticados pelo Grupo Nós de Dança, ampliou a percepção das autoras que escrevem o presente artigo para notar as ressonâncias das vozes diversas que ecoam nas relações e nos vínculos que se estabelecem da habitação de desejos em comum. Criar-ensinar-aprender dança como quem cria e sustenta, no ato pedagógico, atmosferas de questionamentos, dúvidas e erros é o que ganhou relevo nesta

experiência do estágio, desde o momento da incerteza de habitar um território on-line - a princípio desconhecido por nós (docente e discentes de uma universidade pública) - até a distância geográfica que, por conta das vivências on-line pode ser encurtada e mobilizada, chegando, por fim, ao encontro com os integrantes do grupo Nós e todas as formas e forças que circularam por nossos corpos no percurso dessa experiência.

Mesmo sem sentir o cheiro e o toque dos corpos habitando, concomitantemente, o mesmo espaço, sem ter a possibilidade de pisarmos juntas/es no mesmo chão, nota-se que estar de corpo inteiro com a escuta ativa altera a qualidade do encontro. Estar de corpo inteiro na dúvida, na tentativa de compreender, na ação, nas mudanças que aparecem como urgências e, por vezes, fomentam espaços de aprendizagem que transitam no desconhecido e no prazer de inventar estratégias de continuidade sem saber onde ao certo irá chegar.

A psicanalista Suely Rolnik (2018), para definir as experiências da subjetividade, se refere às noções de formas e forças as quais aqui articulamos a compreensão de corpo e seus processos relacionais com o entorno. No que concerne às formas, isto remete à captação dos sinais do mundo via percepção e sentimentos, associações e significações imediatas. Sinais articulados aos códigos socioculturais que orientam um modo de apreensão da realidade pela via das representações. As formas estão relacionadas ao plano tangível. Já as forças operam por um outro modo de apreensão do mundo: pela via dos afetos; que não se confundem com carinho, afeição e ternura. As forças estão relacionadas ao plano intangível e ao efeito das relações que agitam e atravessam todos os corpos.

O que afeta nossas práticas artísticas hoje? Como as práticas artísticas desestabilizam nossas práticas como docentes? Como ensinamos? O que está em jogo e atravessa o ato de criar-ensinar-aprender dança?

A ativação de um ambiente tecido pelo diálogo e a escuta surgem como um caminho, estratégia simples e transformadora que possibilita criar aproximações e desfazer barreiras instauradas pela distância e o isolamento social. Ainda que estes modos de elaborar e organizar um ambiente não sejam nenhuma novidade enquanto estratégia metodológica, atualizá-los e deixar-se atravessar pela voz do outro lado da tela e vivenciar o encontro na qualidade das ressonâncias que vibram no corpo pode abrir espaços para danças ainda não

conhecidas, que trazem em si seus próprios confrontos, discussões e desentendimentos como potência para movimentos acontecerem e ecoarem em ações para além do próprio coletivo.

Estar de corpo inteiro é tecer um ambiente de vínculo e tensão - o que surge através dos corpos e das subjetividades são pontos de conexão e ativação da força coletiva, abre espaços de inquietudes e a urgência da criação se faz não apenas pelo consenso, mas por aquilo que ecoa como diferença. Tatear a criação sem habitar concomitantemente o mesmo espaço geográfico convoca aos corpos uma escuta ativa, atenta à sonoridade das vozes, àquilo que talvez não foi posto em palavras, mas que atravessou o corpo no silêncio.

Espaços de participação que consideram as experiências singulares, onde a partilha de narrativas pessoais produz conhecimento no coletivo, ampliam nossa capacidade de vivenciar os processos artísticos-educacionais. Ouvir e ser atravessada pelas palavras sugere pistas para um ambiente democrático. E aqui, considerando nossa experiência na dança, a escuta se expande também para as danças que surgem, danças que contam histórias, que manifestam sonhos e inquietudes e que alteram nossos modos de compreender o ato da docência em dança.

A autora feminista e educadora bell hooks ao refletir sobre as responsabilidades dos professores coloca que:

[...] uma das responsabilidades do professor [...] é criar um ambiente onde os alunos aprendam que, além de falar, é importante ouvir os outros com respeito. Isso não significa ouvir acriticamente ou que as aulas devam ser abertas de tal modo que qualquer coisa que qualquer pessoa diga seja considerada verdadeira, mas significa levar realmente a sério o que a outra pessoa diz. Em princípio, a sala de aula deve ser um lugar onde as coisas são ditas a sério - não sem prazer, não sem alegria - mas a sério e para serem levadas a sério. (hooks, 2013, p.201)

Ainda, dialogando com hooks que afirma: “O prazer na sala de aula provoca medo. Se existe riso, pode ser que um intercâmbio recíproco esteja acontecendo” (2013, p.194), acredita-se na potência de aprender sobre o prazer de escutar e compreender os intercâmbios de conhecimento, não apenas pela via dos conteúdos, mas pela via dos afetos, aquilo que convoca o corpo a vibrar e compor novas relações não apenas pela via associativa, das formas, mas pelas forças. Essa experiência do estágio, tanto para as

estagiárias como para a orientadora da IES, abriu espaços de questionamentos sobre a prática de arte-docência, nos provocou a pensar no que pode emergir dessa experiência, nos modos de observar, fazer assistência e aplicar as regências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adentrar o campo foi um convite à escuta, a dialogar constantemente sobre o que as condições apresentavam e como criar *com* estas condições, e não apesar delas. E, como ato transformador dessa experiência, a escuta e o diálogo evidenciaram pistas para o exercício de práticas de criar-ensinar-aprender dança como ato pedagógico que exercita a operacionalização da democracia. Assim como a decisão de colocar aqui diversas vozes e percepções em articulação e movimento é um exercício, também, de considerar a produção de conhecimento emergente da habitação sensível de um território coletivo.

Estar entre nós, discentes e docentes da UNESPAR e com o grupo Nós de Dança, num momento crítico e desconhecido instaurado pelo isolamento social e a imersão num ambiente pedagógico on-line, possibilitou abrir novos campos para pensar e questionar o que temos entendido por criar-ensinar-aprender dança, sob quais lógicas temos trabalhado e sobre quais aspectos nossos corpos têm desejado agir e movimentar. A experiência possibilitou criar uma rede de afetos, apoios e inquietações que trouxeram sabor para a (re) criação de conhecimento interna e externamente ao grupo. Abrir novos horizontes através da escuta, da mobilidade dos afetos e das dinâmicas de se estar presente em um espaço permitiu que outras danças fossem criadas, aprendidas e ensinadas, enfim, partilhadas em diferentes modos de ser em um coletivo.

Investigar e arriscar modos de mediação e práticas em dança atravessados pelos saberes que brotam do chão partilhado da sala de aula, seja presencial ou on-line, arriscando e construindo metodologias com escuta e diálogo é nosso desafio e interesse como artistas-docentes da dança. Neste artigo, expomos nossa experiência, constatações e também as perguntas que seguem ressoando: O que muda no corpo de docentes e discentes quando atravessamos juntas uma pandemia? Quais saberes e sabores nos dão suporte para seguir ensinando-aprendendo dança? Quais territórios podemos criar e habitar

como artistas-docentes? Como partilhar os saberes produzidos a partir da experiência? Quais atualizações são urgentes na compreensão do diálogo e da escuta nas práticas artístico-educacionais em dança?

Vivenciar o Estágio Supervisionado em Dança sem saber ao certo por qual caminho trilhar, nos possibilitou compreender, neste tempo, criar-ensinar-aprender dança com tensões, vínculos, prazeres e incertezas. A tensão e a incerteza provocaram o constante fazer e refazer ajustes no corpo-a-corpo, com aquilo que não tem percurso dado previamente e nem resposta pronta. E o prazer de imergir nas práticas de um coletivo e criar vínculos com pessoas, ideias e desejos evidenciou a relevância do corpo nos processos educacionais, os movimentos dançados como tentativas de afinação das presenças, o contínuo fazer *com* e a co-implicação do grupo em manusear o encontro e coreografar as vontades em diversas camadas e qualidades.

Para além de horas a serem cumpridas dentro do currículo da graduação em dança, o Estágio possibilita a criação de vínculos entre docentes, discentes e comunidade, tensiona e provoca diferentes realidades e modos de criar-ensinar-aprender. Ao proporcionar este encontro entre artistas-docentes, artistas independentes e comunidade, nos convida a habitar um território onde as perspectivas teóricas conceituais ganham volume nas proposições práticas, mobilizam ideias e inquietações.

Referências

ARANTES, Esther Maria de Magalhães. ESCUTAR in: **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Organizado por GALLI, Tania Mara Fonseca; DO NASCIMENTO, Maria Lívia; MARASCHIN, Cleci. Porto Alegre: Sulina, 2012.

CURITIBA. Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Campus de Curitiba II. Decreto Estadual n. 9538, de 05 de dezembro de 2013. **Regulamento do Estágio Supervisionado Obrigatório e Não Obrigatório do Curso Bacharelado e Licenciatura em Dança da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR, Campus Curitiba II – Faculdade de Artes do Paraná - FAP**. Curitiba, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HOOBS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LEPECKI, André. **Coreopolítica e coreopolícia**. Ilha Revista de Antropologia, v. 13, n. 1, 2, p.41-60, 2011.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). **Histórico da pandemia de COVID-19**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>
Acesso em: 19 jan. 2021.

ROEL, Renata Santos. Tese de doutorado: **Performar convites, plasmar encontros, bailar: Por uma docência performativa na dança**. Universidade Estadual do Paraná - Campus de Curitiba II: Curitiba, 2020.

ROLNIK Suely. **Esferas da Insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

Recebido em: 29/01/2022

Aceito em: 02/03/2022